



# Bonecas

direção artística  
**Ana Luena**  
**José Miguel Soares**

texto cénico, encenação,  
cenografia e figurinos  
**Ana Luena**  
a partir de um conto de  
**Afonso Cruz**  
e do universo de  
**Paula Rego**

música original  
**Zé Peps**  
desenho de luz  
**Pedro Correia**  
caracterização  
**Chissangue Afonso**  
costureiras  
**Adozinda Cunha**  
**Luísa Sousa**  
(My Tailor is.)  
fotografia, vídeo  
e comunicação  
**José Miguel Soares**  
apoio à produção  
**Nuno Eusébio**

interpretação  
**Mariana Magalhães**  
**Nádia Yracema**  
**Susana Sá**  
**Matilde Magalhães**

coprodução  
**Malvada Associação Artística**  
**São Luiz Teatro Municipal**  
**Câmara Municipal de Évora**  
**TNSJ**  
apoios  
**Montepio Geral –**  
**Associação Mutualista**  
**Fundação GDA**

dur. aprox. 1:15  
M/14 anos

Língua Gestual Portuguesa  
14 jul dom 16:00

Conversa pós-espetáculo  
12 jul

**Teatro Carlos Alberto**  
11-21 julho 2019  
qua+sáb 19:00  
qui+sex 21:00  
dom 16:00

**Estreia**

# Como sobreviver sem gritar e acusar em vão?

Ana Luena / Malvada Associação Artística

Não sei precisar o momento em que começa esta história que aqui quero contar. Há uma voz que quer falar sobre isto tudo, que se une a uma outra voz que no outro lado do mundo também quer falar sobre isto. Não sou a única, penso. Alguém aqui mesmo ao lado também quer falar sobre isto e sofre.

Este projeto parte do encontro com José Miguel Soares, com quem fundei a Malvada Associação Artística em 2018 e com quem partilho a direção artística de *Bonecas*. Este processo criativo construiu-se e aprofundou-se como um rizoma, da filosofia de G. Deleuze e F. Guattari, modelo epistemológico inspirado na botânica, em que qualquer elemento pode afetar ou incidir em qualquer outro. O espetáculo *Bonecas* inspira-se numa história que Afonso Cruz nos revelou, a ser integrada no seu próximo romance. Inspira-se igualmente no universo de Paula Rego: mais do que a obra pictórica, é o processo criativo tão singular desta artista que estimula, por analogia, a construção deste espetáculo. Tem ainda na sua base as experiências de criação artística partilhadas com um grupo de raparigas de um centro de acolhimento temporário, bem como com mulheres vítimas de violência doméstica acolhidas numa casa abrigo. *Bonecas* nasce sobretudo da vontade de mostrar a violência a que podemos ser submetidos e aquela que podemos exercer. Neste sentido, procurámos evitar uma lógica de dualismo que codifique e, portanto, neutralize, através de eixos de significação e subjetivação, as várias dimensões do tema.

Este projeto também surge de um convite do Teatro Nacional São João e da aposta do São Luiz Teatro Municipal de Lisboa e da Câmara Municipal de Évora, coprodutores do espetáculo.

Foi assim que me permiti escrever esta história, que se constrói como um livro que cose diferentes cadernos numa só lombada. A escrita surgiu no meu percurso inevitavelmente ligada à encenação e à cena, notas, situações, adaptação de textos, uma voz, a do intérprete, a voz do encenador, e por isso agora escrevo palavras para serem ditas.

É por territórios femininos e cruéis que aqui assistimos a uma inversão de papéis, em que as vítimas são prisioneiras na sua própria condição de vítima e onde as intérpretes de *Bonecas* representam relações dicotómicas em que se confunde submisso e dominador, onde a força e a vulnerabilidade são apresentadas à semelhança de um *tableau vivant*.

Alguém rouba um livro imaginário, um livro proibido, aqui adereço de cena onde lemos excertos do conto inédito de Afonso Cruz, no qual nos podemos identificar com a Sãozinha e com as meninas que foram abandonadas no Lazareto para serem criadas da burguesia, nos anos 50 do século XX, em Lisboa. Aquelas meninas poderíamos ser nós. Escravos, hoje.

Há uma voz que está dentro de mim e que quer falar sobre isto tudo para se unir a outras vozes de quem sofre de abusos e de violência. Como defender hoje os direitos da mulher, das crianças e, logo, dos homens? Daqueles que por alguma razão são atirados para uma situação de fragilidade extrema e por isso permeáveis, sujeitos à crueldade inerente ao ser humano. Muitas vezes não há saída. Como continuar espectador deste mundo? Como? Como sobreviver sem fechar os olhos, sem gritar e acusar em vão? Como? Poderá não haver resposta? Olhar o outro como se fôssemos nós. Sim. O teatro permite-nos ser, estar e falar pelo outro sem nunca deixarmos de sermos nós. Ser pelo outro sem nunca deixar de ser eu. Na morte somos todos iguais. Somos todos irmãos. Apenas corpos sem vida.

Podemos sempre escolher os nossos irmãos. Eu voltaria a escolher os meus irmãos, com quem um dia desmontei as portas todas da casa, só porque sim. Esta é a liberdade desejada no ato criativo de construir um texto e um espetáculo. “Quero a exaustão que mata. Quero ser a dor que corta.”

## ficha técnica TNSJ

produção executiva

Alexandra Novo, Mónica Rocha  
direção de palco Emanuel Pina  
adjunto do diretor de palco Filipe Silva  
direção de cena Cátia Esteves  
luz Filipe Pinheiro (coordenação),  
Adão Gonçalves, Alexandre Vieira,  
José Rodrigues, Nuno Gonçalves,  
Rui M. Simão  
maquinaria Filipe Silva (coordenação),  
Adélio Pêra, António Quaresma,  
Carlos Barbosa, Joaquim Marques,  
Joel Santos, Jorge Silva,  
Lídio Pontes, Paulo Ferreira  
som Francisco Leal (coordenação),  
António Bica  
língua gestual portuguesa CTILG –  
Serviços de Tradução e Interpretação  
de Língua Gestual, Lda.

## apoios TNSJ



## apoios à divulgação



## agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto  
Polícia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

## apoios Malvada Associação Artística

Chão dos Meninos, Associação  
Ser Mulher, Convento do Espinheiro,  
Casa Morgado do Esporão, Junta de  
Freguesia dos Canaviais, Cendrev,  
Teatro Garcia de Resende, Diana FM,  
Universidade de Évora

## agradecimentos Malvada

Associação Artística  
Adelino Almeida (Restaurante O Combinado),  
Francisca Pedro Rosado, Cláudio Sousa,  
Daniel Soares, Artur Rebelo e Lizá Ramalho  
(R2 Design), Geiza, Mónica, Sandra,  
Ana Beatriz Cardoso, Paula Nobre Deus,  
Cátia Coelho, Helena Figueiredo,  
Mariana Candeias, Ana Tamen, Isabel  
Bezelga, A Bruxa Teatro, Ana Clara  
Meireles, Miguel Pedro, Luís Garcia,  
Carla Magro Dias, Antonieta Félix,  
Francisca Saavedra

## edição

Departamento de Edições do TNSJ  
fotografia Susana Neves  
design gráfico Dobra  
impressão Greca – Artes Gráficas, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.